



6 com Brasil

A recessão como arma

O ministro Marcílio Marques Moreira está ameaçando com o aprofundamento da recessão os empresários que não se convençam da necessidade de conter a inflação. Afirma dispor de outros instrumentos, além da alta das taxas de juro — notadamente a política fiscal e monetária —, para atingir tal objetivo. Porém, talvez não se tenha conscientizado de que, numa economia indexada com grande liquidez, não lhe será tão fácil chegar ao seu desiderato.

A ascensão das taxas de juro, até agora, somente contribuiu para facilitar a escalada da inflação, por ter sido recebida pelos agentes econômicos não como um instrumento capaz de conter a demanda, mas como uma previsão de alta de preços. O governo não pode ignorar que, durante 12 meses consecutivos, terá de enfrentar uma ampliação obrigatória da liquidez, como resultado da liberação dos cruzados novos. Aos titulares da antiga moeda cabe decidir se usarão tais recursos para

consumir ou poupar. Até agora a resposta do público tem sido positiva: preferiu a segunda opção, mas nada permite afirmar que tal atitude será mantida. Na realidade, cumpre aos agentes econômicos arbitrar entre a remuneração dos seus bônus e a sua expectativa de inflação.

Não se pode deixar de levar em conta que a nova política salarial, ainda que sujeita a vetos e a manutenção destes pelo Congresso, introduz um tipo de indecação que alimentará a demanda. Não será tão fácil criar uma recessão, que somente poderá ser provocada por uma inflação acelerada.

Já observamos que a liberação dos cruzados novos dificulta o controle da expansão monetária, mas não se pode desprezar também a existência de um potencial déficit público, que, sem uma total independência do Banco Central, tornará ainda mais espinhoso o controle do seu crescimento. Não será a recessão, portanto, o remédio adequado.